

PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO: UM DEPOIMENTO

Afrânio Mendes Catani¹

*Meu tempo é hoje.
Eu não vivo no passado.
O passado vive em mim.*

Paulinho da Viola em depoimento ao filme *Meu tempo é hoje* (Direção: Izabel Jaguaribe; Roteiro: Zuenir Ventura, 2003)

Minha querida amiga Naura Syria Carapeto Ferreira solicita artigo acerca da temática “Pesquisa na Pós-Graduação”. O convite muito me honra e, na impossibilidade de realizar trabalho acadêmico nos moldes clássicos, opto por escrever um depoimento que procure condensar algumas idéias centrais que possuo a respeito.

Sou professor universitário há mais de 31 anos, tendo trabalhado na Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV); na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Araraquara; na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e, a partir de 1986, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Entretanto, em nível de pós-graduação, minhas atividades datam de 1993, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, USP e, no ano seguinte, no Programa de Pós-Graduação em Integração em América Latina (PROLAM), criado em fins da década de 1980 na USP. O PROLAM é um programa interunidades, vinculado à Pro-Reitoria de Pós-Graduação, envolvendo hoje cerca de duas dezenas de departamentos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Escola de Comunicações e Artes, da Faculdade de Educação, da Faculdade de Direito, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Faculdade de Economia e Administração e da Faculdade de Economia e Administração de Ribeirão Preto.

¹Professor na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e no PROLAM-USP. Pesquisador do CNPq. amcatani@usp.br

Estou mencionando tais fatos apenas com a finalidade de esclarecer que tenho 54 anos e, aos 23, ou seja, em 1976, iniciei o mestrado junto ao então Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob a orientação de Gabriel Cohn. O mestrado foi concluído apenas em 1983, após 8 anos, prazo absolutamente normal para a época. O doutorado, também em sociologia, sob a orientação de Heloísa Rodrigues Fernandes, demorou um pouco menos, isto é, 7 anos.

Um jovem leitor poderá pensar que este que escreve tais linhas é um *bon vivant* de primeira, que foi redigindo o mestrado e o doutorado na maciota, poucas linhas por dia... Mas não foi assim. O ritmo de trabalho se desenvolvia em outro compasso, sendo que a formação dos pós-graduandos ocorria, na maior parte das vezes, de forma "paralela". Apenas um exemplo: em 1977, na disciplina ministrada por Gabriel Cohn, nos foi pedido um trabalho final de aproveitamento. Como Gabriel é reconhecido especialista em Theodor Adorno, sugeri que eu preparasse um texto explorando as semelhanças e diferenças entre as concepções analíticas de Adorno e Pierre Bourdieu – já conhecia razoavelmente parte da obra do sociólogo francês, pois havia trabalhado com Sergio Miceli, como auxiliar de pesquisa, ainda durante o curso de graduação, entre 1973 e 1975. Pois bem, assim fiz, lendo durante vários meses tudo o que pude do pensador alemão para redigir um trabalho de... 10 páginas.

Outro exemplo ocorreu ainda em 1976, quando cursei a disciplina "O tema carolíngio na cultura popular brasileira", ministrado por Marlyse Meyer. Estudamos como Carlos Magno e os doze pares de França foram interpretados no Brasil, bem como uma série de outras manifestações culturais. Fizemos trabalho de campo em São Luís do Paraitinga e a mim coube apresentar um seminário sobre cheganças de mouros e de marujos. Tive que ir a então Discoteca Municipal Oneyda Alvarenga ouvir a dezenas de gravações sobre o

folclore do país e ler as mais de mil páginas de *As danças dramáticas no Brasil*, de Mário de Andrade. É dizer, íamos sendo formados e aprendendo a pesquisar dessa maneira.

Ao mesmo tempo em que cursava o mestrado, a exemplo de muitos outros colegas, escrevia artigos, livros, capítulos de livro, montões de resenhas para a grande imprensa e para revistas acadêmicas, participava de mesas-redondas e de debates sobre uma série de temas político-culturais do momento, freqüentava congressos e assistia a muitas conferências acadêmicas que tinham lugar em várias instituições de ensino e pesquisa que ocorriam em São Paulo e em Campinas.

É verdade que esse modo de se pesquisar acabou sendo sensivelmente alterado com a consolidação dos programas de pós-graduação e a criação, na segunda metade da década de 1970 da, entre outras, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd) e, também, com a revitalização da Associação Nacional de História (ANPUH), que havia sido criada em 1961.

Em suma, nesse turbilhão de estudos, atividades e pesquisas, fui tocando a vida, participei de processos seletivos, comecei a dar aulas, fiz exaustivos levantamentos empíricos e entrevistas que foram aproveitados na dissertação de mestrado (1983). Quando estava para defender a da tese de doutorado (1992), me casei, depois descasei e acho que me caso outra vez. Tive 3 filhas, mudei de emprego e fui produzindo aquilo que se espera de um acadêmico cujo salário é pago pelo fundo público estatal, aí incluindo a orientação de teses e dissertações, aulas em nível de graduação e de pós-graduação, a execução de projetos de pesquisa, a inserção em redes de pesquisadores e em associações de pesquisa e de pós-graduação, a participação e a organização de (e em) eventos científicos no país e no exterior, além de es-

crever artigos e livros editados em distintos locais e formas e de trabalhar como docente fora do país.

Assim, em nível de pós-graduação, minhas atividades de orientação e de pesquisa, conforme escrevi em linhas anteriores, concentraram-se regularmente na Universidade de São Paulo, na FEUSP e no PROLAM, tendo levado à defesa até o momento 11 doutores e 20 mestres, sendo que ainda durante o primeiro semestre de 2008, outros 4 ou 5 doutorandos também deverão obter seus respectivos títulos. Em termos sucintos, venho atuando nas seguintes linhas de pesquisa: “Políticas de educação superior na América Latina (gestão, avaliação, financiamento)”, em especial nos casos de Argentina, Brasil, Chile, Venezuela e Uruguai; “Cultura, organização e educação”; “Sociologia do conhecimento, trajetórias e da produção intelectual”; “História do cinema e da produção audiovisual na América Latina”. Nos últimos meses, venho me dedicando a pesquisar e a escrever acerca dos processos de internacionalização da educação superior e suas influências (e conseqüências) na A. Latina.

Quem passar os olhos por estas linhas talvez estranhe a variedade de temas com que venho trabalhando. Asseguro, entretanto, que eles estão plenamente integrados à minha existência e ao meu universo intelectual. Desde os 4 ou 5 anos freqüente as salas de cinema com grande intensidade, inicialmente levado por meu pai, pois vivíamos no interior do Estado de São Paulo e a programação se alterava constantemente. Depois, já com certa autonomia, fui “compondo” a minha programação. Meu mestrado e doutorado, realizados na FFLCH-USP, versaram sobre história-sociologia do cinema brasileiro. O fato é que tais preocupações me conduziram a trabalhar com uma ampla gama de linhas de pesquisa e uma diversidade razoável de materiais e temas de investigação.

Quando era aluno de Administração Pública, na Fundação Getúlio Vargas, fui convidado para trabalhar com o Prof. Robert Nicol, a quem auxiliei no levantamento de dados para a elaboração de sua tese de doutorado junto ao Departamento de Sociologia da

FFLCH-USP. Em seguida, colaborei, durante quase dois anos, com o Prof. Sergio Miceli – na realidade isso foi um grande privilégio, pois aprendi com ele a trabalhar com pesquisa empírica, em especial com os referenciais desenvolvidos por Pierre Bourdieu que, no início da década de 1970, já era bastante conhecido internacionalmente, embora no Brasil poucos soubessem de quem se tratava – cheguei inclusive a escrever sobre a recepção do autor em nosso país, no domínio educacional. Miceli, na época, obteve um grande financiamento do Núcleo de Pesquisas e Publicações da EAESP/FGV com a finalidade de realizar amplo levantamento empírico que resultou em seu doutorado, intitulado *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)*, defendida na Sociologia da USP.

Formei-me, em 1975, e, a convite de Miceli, viajei à França, acompanhei um pouco o que ocorria na École des Hautes Études en Sciences Sociales, assisti a alguns seminários, comprei livros e viajei por alguns países europeus. Voltando ao Brasil, iniciei, em março de 1976, o mestrado em Sociologia na USP.

O aprendizado com a equipe de pesquisadores, coordenada por Miceli, e o contato com os jovens professores da EAESP/FGV, que então cursavam a pós-graduação, (José Carlos Durand, Vânia M. Sant´Anna, Ruben C. Keinert, Maria Rita Durand, Roberto Venosa, José Paulo Carneiro Vieira, Fernando C. Prestes Motta e Gilberto Vasconcellos, dentre outros, além de Maurício Tragtenberg, que na época já tinha 42 ou 43 anos), assim como as constantes conversas com Ricardo Antunes que, da mesma forma que eu, fez sua conversão para as ciências sociais, muito contribuiu para que já tivesse um ambicioso projeto de pesquisa para o mestrado. Fui logo aceito por Gabriel Cohn e, com financiamento da FAPESP, iniciei pesquisa sobre a trajetória de cineastas do Cinema Novo brasileiro. Após algum tempo, o projeto sofreu alterações profundas, por sugestão de Paulo Emílio Salles Gomes, professor na Escola de Comunicações e Artes da USP e, talvez, o mais refinado crítico de cinema brasileiro. Assim, acabei me concentrando na produção fílmica de São

Paulo, na década de 1950, examinando o caso de uma produtora de filmes, a Companhia Cinematográfica Maristela, dissecando a trajetória da empresa e mapeando o campo cinematográfico paulista no período. Posteriormente, no doutorado, trabalhei com o crítico e documentarista científico Benedito Junqueira Duarte, que se assinava B.J. Duarte, privilegiando sua atividade como crítico de cinema brasileiro na revista mensal de cultura intitulada *Anhembi* (1950-1962), que resultou em um calhamaço distribuído em 3 volumes e mais de 850 páginas, com ampla documentação sobre os cinemas paulista e brasileiro, a revista *Anhembi* e a família de Benedito, cujo membro mais conhecido era Paulo Duarte, combatente na Revolução Constitucionalista de 1932, editorialista do jornal *O Estado de S. Paulo*, diretor e criador do antigo Instituto de Pré-História da USP, professor na Universidade, exilado político durante os governos de Getúlio Vargas e diretor de *Anhembi* ao longo de seus 144 números.

Pesquisar sobre o cinema brasileiro e sua história me permitiu um amplo conhecimento geral no que diz respeito a este domínio, possibilitando que eu escrevesse, nos anos subseqüentes, 3 livros na área, além de quase duas dezenas de artigos, mais de 30 verbetes para a *Enciclopédia do Cinema Brasileiro* (Fernão Ramos e Luiz Felipe Mirnada; São Paulo: Editora SENAC, 2000), de produzir com L. Felipe Miranda um longo ensaio sobre o cinema na América Latina, bem como cerca de 60 verbetes para a *Latinoamericana: Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe* (Coord. Geral: Emir Sader; São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, 2006) – Prêmio Jabuti, 2007. Em junho de 2003, fui convidado por Ivan Giroud, pesquisador do cinema cubano e alto funcionário do Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) e diretor-executivo do Festival Internacional do Novo Cinema Latino-Americano, que ocorre em Havana todos os anos, no mês de dezembro, para participar de um projeto internacional, reunindo cerca de duas centenas e meia de

pesquisadores, coordenado pelo Prof. Emilio Casares Rodicio, do Departamento de Ciências Musicales de la Universidad Complutense de Madrid e financiado pela Sociedad General de Autores y Editores de España (SGAE). Com a finalidade de produzir o *Diccionario del Cine Español e Iberoamericano*, montei uma equipe composta por 11 pesquisadores de distintas universidades brasileiras (quase todos doutores) e, no momento, estamos na fase de escolha das fotos, após redigirmos 1.200 verbetes, englobando diretores(a)s, atores-atrizes, assistentes de direção, roteiristas, produtor(a)s, distribuidores(a)s, exibidores(a)s, figurinistas, técnicos etc., além de um longo capítulo introdutório e de verbetes englobando uma centena dos principais filmes nacionais. A publicação, em 5 ou 6 volumes, deverá sair na Espanha em 2008.

O trabalho de pesquisa em cinema me levou a participar da criação, em 1996, da SOCINE, atualmente Sociedade Nacional de Estudos de Cinema e Audiovisual, através de convite formulado pelo Prof. Fernão Pessoa Ramos, docente da UNICAMP e primeiro presidente da entidade. Sou sócio-fundador, fui o primeiro secretário da SOCINE e tesoureiro no período 1999-2007. Há poucos dias fui eleito, para um mandato de 2 anos, membro do conselho deliberativo da sociedade. Tive o privilégio de editar, com outros colegas, 3 volumes dos trabalhos apresentados nos encontros anuais. Atualmente, quase 300 *papers* são selecionados para serem debatidos nos encontros, realizados em distintas instituições de educação superior do país, sendo que quase 80% dos autores são doutores. Na reunião de outubro de 2007, ocorrida na PUC-Rio, recebemos a visita de mais de duas dezenas de pesquisadores estrangeiros.

Mas voltemos um pouco no tempo. Bacharel em Administração Pública e mestrando em sociologia, ingressei como professor-horista na EAESP/FGV, no antigo Departamento de Ciências Sociais, depois Fundamentos Sociais e Jurídicos. Lá permaneci entre 1976 e 1981, ministrando disciplinas na área de Sociologia. Entre 1978 e 1980 fui funcionário público municipal, da Prefeitura de São Paulo, lotado

na Secretaria de Cultura como pesquisador de assuntos culturais na área de cinema, no que corresponde hoje à Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo. Transferi-me para a UNESP, em Araraquara (1980-85), trabalhando na área de Administração Escolar; em seguida para a UNICAMP (1985-87) e, em 1986, para a USP. Aos poucos fui me direcionando para a área educacional, inicialmente efetuando uma análise crítica das teorias administrativas, na linha preconizada por Maurício Tragtenberg e, depois, das teorias das organizações, a partir de pressupostos teóricos desenvolvidos por Fernando C. Prestes Motta, posteriormente meu colega na Faculdade de Educação da USP. Minha transferência para o Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação fez com que, aos poucos, houvesse uma maior proximidade com temáticas que, até então, pouco me interessavam. Durante 6 ou 7 anos continuei a ministrar cursos e a pesquisar sobre teorias da administração e sociologia do conhecimento. Com as reformulações curriculares – fazendo com que, na prática, o departamento se convertesse em um *locus* dedicado às políticas educacionais –, com o término de meu doutorado e o posterior credenciamento junto ao Programa de Pós-Graduação da FEUSP, principiei-me a deslocar, vagarosamente, parte de minhas preocupações de ensino e pesquisa para as políticas de educação superior. O credenciamento quase simultâneo junto ao PROLAM, bem como minha eleição para a presidência da *Sociedad Latinoamericana de Estudios sobre la América Latina y el Caribe* (SOLAR) – capitaneada pelo filósofo mexicano e docente da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), Leopoldo Zea –, após haver organizado no PROLAM, com o apoio da Profa. Maria Cristina Cacciamali e do Prof. Sedi Hirano, o V Congresso da SOLAR (1996), criavam o estímulo necessário para que me dedicasse ao estudo das políticas de educação superior na América Latina. Entre 1990 e 1996 já havia feito mais de uma dezena de viagens à Argentina, estabelecido vários contatos e participado de congressos e encontros científicos nesse país vizinho. Organizei duas coletâneas envolvendo

o ensino superior na AL, estudando a situação de Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Uruguai e Venezuela, contando para isso com o aporte de vários colaboradores: o prof. Rodrigo Arocena, co-autor nestes livros, é hoje reitor da Universidad de la Republica (UDELAR), a principal universidade uruguaia; o Prof. Horacio González é diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, enquanto o Prof. Pedro Krotsch é o coordenador da Comisión Nacional de Acreditación y Evaluación (CONEAU), com sede em Buenos Aires. O Prof. Juan Carlos Campbell Esquivel dirige, há vários anos, o Programa de Pós-Graduação em História da Educação da Universidad Católica de Valparaiso (Chile), enquanto a Profa. Carmen García Guadilla segue seu trabalho na Universidad Central de Venezuela. Dentre os colaboradores brasileiros nestes livros, merecem destaque os nomes da Profa. Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero, Valdemar Sguissardi, João dos Reis Silva Jr., Marília C. Morosini, Carlos Roberto Jamil Cury, José Dias Sobrinho, Márcia Ângela Aguiar.

Assim, em fins da década de 1990, passei a ministrar, em nível de pós-graduação, pela FEUSP e pelo PROLAM, a disciplina "Políticas de Educação Superior na América Latina", o que me permitiu ampliar as pesquisas que já vinha desenvolvendo com alguns de meus orientandos. As viagens e contatos que desenvolvi na Argentina, Uruguai, Chile, Venezuela, México e Cuba ajudaram a consolidar meu conhecimento destas cinematografias nacionais e das políticas educacionais ditas "pós-secundárias". O trabalho com meu ex-orientando João Ferreira de Oliveira permitiu-me detalhada análise da educação superior brasileira, resultando na publicação de vários livros, capítulos de livro e artigos em periódicos, no país e no exterior, sendo dois deles na França. O mesmo pode ser dito acerca de Mário Luiz Neves de Azevedo, também ex-orientando em nível de doutorado, com quem pesquisei e escrevi um livro e cerca de uma dezena e meia de artigos sobre a universidade argentina e, nesse momento, em companhia do Prof. Licínio C. Lima, catedrático na Universidade do Minho (Braga, Portugal), detalhamos vários

aspectos acerca do Processo de Bolonha e das recentes reformas (ou contra-reformas?) nas políticas educacionais brasileiras, em nível superior. Mário Azevedo e Ana Paula Hey me ajudaram, na já citada enciclopédia Latinoamericana..., a definir o plano e a execução das principais universidades na AL que deveriam ser objeto de análise na publicação, a saber: USP, UFRJ, Universidad de Buenos Aires, Facultad Latinoamericana de Ciências Sociales (FLACSO), Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), Universidad de Chile, Universidad Nacional de Córdoba, Universidad de Habana e Universidad Central de Venezuela.

Ao longo de 31 anos, exerci algumas atividades que me ajudaram em muito no aprendizado da escrita, em expor minhas idéias de maneira bem clara. A leitura da obra do sociólogo norte-americano Charles Wright Mills (1916-1962), por exemplo, sugerida por Maurício Tragtenberg quando eu tinha 19 anos, me ensinou que o que é complexo não pode ser simplificado pela escrita, mas pode, sem dúvida, ser explicado de forma que se compreenda tal complexidade, as ambivalências ou mesmo as aparentes contradições. Em 1974, Sergio Miceli publicou na *Revista de Administração de Empresas (RAE)*, quando era redator-chefe, a primeira resenha de minha autoria; depois, trabalhei exaustivamente, escrevendo outras 32 resenhas para a *RAE*, em grande medida graças à bondade da saudosa Arakcy Martins Rodrigues, que durante anos sucedeu à Miceli na redatoria da revista. No mensário *Leia Livros* foram 17, outras 9 na *Folha de S. Paulo*, mais 4 na *Gazeta Mercantil* e 15 em distintos suplementos do jornal *O Estado de S. Paulo* ("Suplemento Cultural", "Cultura" e "Caderno 2"), além de ter escrito para *IstoÉ*, *Sala de Aula* e *Movimento*. Entretanto, no "Caderno de Sábado" do *Jornal da Tarde*, ao lado de Ivan Ângelo, Pedro Medeiros, Tereza Ribeiro, Kleber Ferreira de Almeida e Sérgio Amad Costa, publiquei mais de 90 resenhas. Muito do que resenhei foi debatido nas reuniões semanais que realizávamos às quartas-feiras ao cair da tarde na redação do *JT*, sendo que eu estava sempre palpitando sobre o que

deveria ou não sair aos sábados. A remuneração era meio ridícula, mas ríamos muito e consegui aprender bastante no que se refere ao escrever e em termos de literatura, pois a quase totalidade do que lá publiquei dizia respeito à ficção, embora uns 15 a 20% enquadrava-se na categoria de ensaios e pesquisas acadêmicas.

No domínio educacional, em especial no que se refere às políticas públicas, desde o início da década de 1990 venho escrevendo em co-autoria com Romualdo Portela de Oliveira, meu colega na FEUSP, com Gustavo Luis Gutierrez (UNESP de Marília e, atualmente, na UNICAMP), além de João Ferreira de Oliveira (Universidade Federal de Goiás e atual coordenador do GT 11 da ANPEd, “Política de Educação Superior”) e Mário Luiz Neves de Azevedo (Universidade Estadual de Maringá e vice-reitor da instituição), já mencionados, com Luiz Fernandes Dourado (UFG), com João dos Reis Silva Jr. (agora na Universidade Federal de São Carlos), com Ana Paula Hey (Universidade Metodista de São Paulo) e com Renato Gilioli, meu orientando na FEUSP e que está prestes a concluir sua tese de doutorado.

Márcia Ângela Aguiar e Janete Maria Lins de Azevedo, no início dos anos 90, me acolheram de forma magnífica no GT 5, “Estado e Política Educacional”, onde permaneci até 2004, tendo inclusive sido coordenador do grupo, com o decisivo apoio de ambas e da totalidade dos colegas que o tornaram um espaço de convivência acadêmica dos mais estimulantes. Há anos (desde 1997) já vinha colaborando e participando em várias atividades do GT “Política de Educação Superior”, em especial das pesquisas da “Rede UNIVERSITAS/BR”, coordenada pela Profa. Marília C. Morosini, em cujas coletâneas sempre tive trabalhos publicados e de encontros que freqüentei, nos vários pontos do país, em distintas universidades.

Nos anos de 2006 e 2007, juntamente com a querida Márcia Aguiar, presidente da ANPEd e com o amigão Pablo Gentili (UERJ e CLACSO), organizamos os Ciclos de Cinema da ANPEd, iniciativa até então inédita na associação.

Muito do que escrevi a respeito de políticas de educação superior foi aceito para publicação em vários veículos acadêmicos, no país e no exterior. Na impossibilidade de mencionar todos em detalhe, gostaria de destacar, emblematicamente, *Avaliação – Revista de Avaliação da Educação Superior*, publicação da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior (RAIES), capitaneada pelo grande José Dias Sobrinho, que agora a edita com o apoio da Universidade de Sorocaba (UNISO) tendo, até o momento, lançado 45 números. Realço, também, a revista *Fundamentos en Humanidades*, da Universidad Nacional de San Luis, Argentina, sendo que através de Carlos Mazzola foi possível estabelecer um amplo diálogo com parte significativa da intelectualidade argentina.

A partir do início dos anos 1980 apresentei alguns trabalhos em simpósios e congressos da hoje denominada Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE). Posteriormente, devido a compromissos vários, acabei me afastando da entidade, voltando a me aproximar quando Lauro Carlos Wittmann tornou-se presidente, já em 1992, e nas gestões posteriores de Regina Vinhaes Gracindo, Rinalva Cassiano Silva e, no momento, com Benno Sander. Fui membro do Conselho Fiscal em duas gestões e, à convite de Benno, sou Diretor de Cooperação Internacional, além de participar de várias publicações coletivas, escrever na prestigiosa *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, ter um capítulo no trabalho coletivo coordenado por Regina e Lauro, *O estado da arte em política e gestão da educação no Brasil: 1991 a 1997* e, juntamente com Renato de Sousa Porto Gilioli, ser autor do livro *Administração escolar: a trajetória da ANPAE na década de 1960* (2004), que condensa uma série de pesquisas que desenvolvi junto à UNESP, Araraquara, de 1980 a 1985.

As investigações realizadas sobre a América Latina foram acolhidas, também, nas páginas de vários periódicos estrangeiros, a saber: *Encuadre – Revista de Cine* (Caracas, Venezuela), *Tribuna del Investigador* (Caracas, Universidad Central de Venezuela), *Cuadernos Americanos – Nueva Época* (México, DF – Universidad Nacional

Autónoma de México), *Pensamiento Universitario* (Buenos Aires, Argentina), *Revista del Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación- IICE* (Universidad de Buenos Aires, Argentina), *Herramienta* (Buenos Aires, Argentina). Além da já citada *Fundamentos en Humanidades*, publiquei também uma dezena de capítulos de livro, editados pela UNAM, Universidad Nacional del Sur (Bahia Blanca, Argentina), Fondo de Cultura Económica (México), Universidad Nacional de General Sarmiento/Prometeo Libros (Argentina), Institut des Hautes Études en Amérique Latine – IHEAL (Paris, França), GRESAL – Alpes Grenoble/CNRS (Grenoble, França), além de outros textos difundidos na *Revista Portuguesa de Educação* (Braga, Portugal), da qual sou membro do Conselho Editorial.

Além disso, expus boa parte do que venho pesquisando e escrevendo, em sucessivas viagens a alguns países, na qualidade de professor-visitante (Argentina, Venezuela, Cuba, México, Uruguai, Chile, Portugal).

Organizei, com Maria Alice Nogueira (Universidade Federal de Minas Gerais), a coletânea de textos de Pierre Bourdieu, *Escritos de Educação* (1998), que no momento se encontra na 9ª. edição, além de trabalhar com os referenciais teóricos do autor e de organizar, com Ana Paula Hey e Décio Saes, dossiê sobre o sociólogo francês para o número de novembro de 2007 de *Educação & Linguagem* (Universidade Metodista de São Paulo). Com Paulo H. Martinez, hoje docente na UNESP de Assis, editei em 1999 o livro *7 ensaios sobre o Collège de France*, reunindo comentários sobre essa instituição secular (Ana Almeida), além de uma pequena introdução de minha autoria, de um posfácio de Sergio Miceli e de análises das aulas inaugurais, proferidas no *Collège*, de Fernand Braudel (Paulo Martinez), Claude Lévi-Strauss (Heloísa Pontes), Roland Barthes (Maria Thereza Fraga Rocco), Michel Foucault (Marcos César Alvarez) e Pierre Bourdieu (Afrânio Mendes Catani).

Como pesquisador do CNPq, através de bolsa de produtividade em pesquisa, venho desenvolvendo investigações acerca do campo acadêmico brasileiro, com base nos pressupostos teórico-práticos de

Bourdieu. Sem o decisivo apoio dessa agência de fomento, dificilmente conseguiria avançar em vários domínios que sigo a trabalhar.

Não posso deixar de mencionar neste depoimento o apoio recebido, ao longo de quase 15 anos, de meu amigo Alberto J. Pla (Universidad Nacional de Rosário, Argentina). Alberto, apesar de aposentado, continua a dar aulas, a pesquisar, a escrever e a debater a situação dramática da economia e da política na América Latina. Com quase 80 anos, segue com o mesmo vigor e a mesma irritação para com os políticos e os tecnocratas de seu país. Graças aos seus amáveis convites, pela ordem, eu, Paulo Martinez, Gustavo Gutierrez e vários outros colegas brasileiros participamos de quase 10 das Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Isso ocorreu em La Plata, Mar del Plata, Córdoba, Montevideo, Salta, Santa Rosa de La Pampa, Rosário, Tucumán. Nos últimos tempos, Patricia Funes (Universidad de Buenos Aires) e Patricia Flier (Universidad Nacional de La Plata) me convidaram, também, para apresentar *ponencias* nesse que é o mais importante encontro científico na área de História, na Argentina.

O mesmo posso dizer de Pedro Krotsch, que organizou outras jornadas, em número de 5, intituladas “La Universidad como objecto de investigación” – no início de setembro de 2007 participei do último encontro, ocorrido em Tandil (Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires). Todos os trabalhos apresentados nos congressos de história e a respeito da universidade foram publicados, no Brasil, na Argentina ou no México. Destaco apenas um deles, que saiu de início no Brasil, na revista *Margem Esquerda – Ensaios Marxistas* e, posteriormente, na revista argentina *Herramienta*. Trata-se do artigo “Dos memórias de presos políticos. Argentina y Brasil (años 1970)”, em que, através das memórias de Luiz Roberto Salinas Fortes e Flávio Koutzii procuro destrinçar a lógica dos sistemas prisionais do Cone Sul, em especial no que se referia aos prisioneiros políticos, mostrando que vários dos pressupostos teóricos desenvolvidos por Erving Goffman ainda possuem grande força

analítica. Na continuidade, com Renato Gilioli, escrevi um texto que ainda permanece inédito, baseado na obra coletiva *Nosotras, presas políticas (1974-1983)*, de autoria de 112 prisioneiras políticas no cárcere argentino de Villa Devoto – livro editado em 2006, com a coordenação geral a cargo de Viviana Beguán.

Merece destaque, ainda, um projeto coletivo que continua a caminhar com dificuldades mas...caminha. Trata-se da já referida *Margem Esquerda – Ensaio Marxistas*. A convite de Ricardo Antunes, reuni-me a um grupo de colegas para integrar o Comitê de Redação da revista. Houve várias mudanças, mas além de Ricardo e de mim, há Emir Sader, Ivana Jinkings, Gilberto Maringoni, Flávio Aguiar, Luiz Renato Martins, Roberto Leher, Celso Frederico, Marcelo Ridenti, Márcio Naves, Roberto Schwarz, Michel Löwy, Leda Paulani e tantos outros.

Nesse final de ano, outro fato excelente: Ivany Rodrigues Pino convidou-me para integrar o Conselho Editorial Nacional da Revista *Educação & Sociedade*, já a partir de dezembro de 2007.

Nessas linhas derradeiras acrescentaria apenas uma observação geral: quase toda a minha trajetória acadêmica, desde os primeiros passos, como pode ser observado, encontra-se diretamente ligada à pesquisa em nível de pós-graduação – o trabalho como auxiliar de pesquisa, as bolsas recebidas, grande parte das atividades didáticas, as publicações sob as formas mais variadas, as orientações em nível de mestrado e de doutorado, as participações em congressos científicos etc. Talvez seja lícito se perguntar se é possível pesquisar “fora” da pós-graduação, não se estando credenciado junto a um programa de pós ou a linhas de pesquisa. A resposta seria, em tese, afirmativa, embora as dificuldades tornem-se, nos dias atuais, quase intransponíveis, em razão dos recursos e do tempo necessários. Ao menos é assim que eu vejo a situação, bem próxima das análises realizadas em artigos e livros por Pierre Bourdieu, sendo necessário a acumulação de um determinado montante de capital científico. Nesse sentido, a competição, hoje,

praticamente elimina qualquer espécie de diletantismo ou de dúvidas quanto a engajamento institucional bastante claro.

No suplemento "Mais!" do jornal *Folha de S. Paulo* (28.8.2007, p. 7), em entrevista à Sylvia Colombo, o historiador italiano Carlo Ginzburg (68 anos) assim responde à derradeira questão que lhe é formulada:

"Folha – Li numa entrevista que o sr. gosta da sensação de ser ignorante diante de um novo assunto. Isso o faria ficar excitado com a idéia de começar a pesquisá-lo. Com a experiência, esses momentos de ignorância não vão ficando cada vez mais raros?

Ginzburg – Não, de maneira nenhuma. Eu mudo muito de assunto, e é mais fácil ser ignorante quando você não se prende a um tema só. Isso também ajuda a reagir ao fato de estar ficando velho e mais experiente. É claro que não posso ser jovem novamente, mas eu ainda posso ser muito ignorante (risos). É uma situação saudável para estabelecer um ponto de partida para conhecer melhor um assunto. Aprender sempre é possível."

Evidentemente, não quero me comparar ao excelente Ginzburg, uma vez que nossas estaturas intelectuais são bem distintas. Entretanto, me sinto um pouco como ele, quando respondeu à questão transcrita nas linhas anteriores: luto diariamente contra a minha ignorância e, quem sabe, um dia, consiga minimizá-la.

Recebido em 25/3/2007

Aceito em 20/4/2007